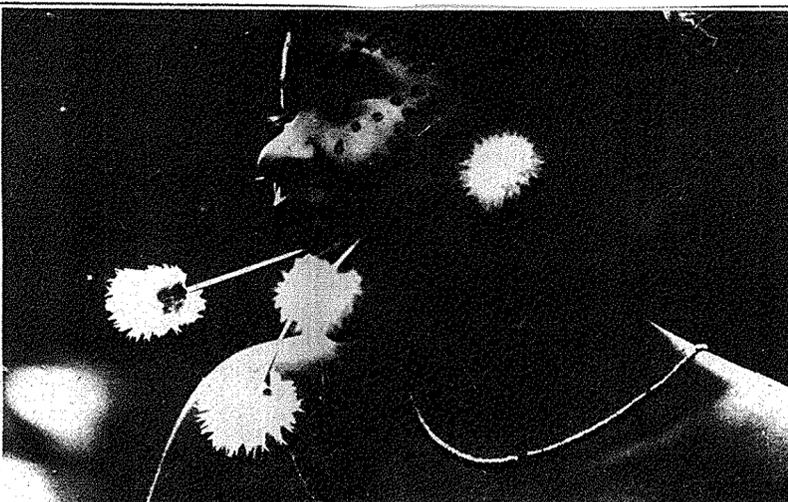


CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Estado de São Paulo Class.: 39

Data 15 de fevereiro de 1973 Pg.: _____



DOM EURICO: "É PRECISO PRESERVAR OS ELEMENTOS POSITIVOS QUE OS ÍNDIOS TRAZEM DE SUA CULTURA".

Índios, o assunto deste bispo alemão que há 43 anos vive na Amazônia.

Ele é dom Eurico Krautler, bispo-prelado de Altamira, no Xingu, onde vive desde 1930. Dom Eurico é um dos membros do Conselho Indigenista Missionário, encarregado das missões indígenas dentro da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Ontem, na XIII Assembléia Geral da CNBB, ele contou como vê os índios brasileiros e falou sobre o trabalho que a Igreja Católica desenvolve juntamente com a FUNAI. (Dom Eurico acha que a orientação da FUNAI não coincide com a da Igreja.) Texto de José Maria Mayrink.



"Eu nasci das espumas do Xingu!"

Se perguntarem a dom Eurico Krautler de que país ele veio (dom Eurico tem a pele rosada, olhos azuis e um inconfundível sotaque alemão), ele responderá sempre com as mesmas palavras que usou ontem, falando na XIII Assembléia Geral da CNBB:

— Eu nasci das espumas do Xingu!

E contará como foi que se salvou, num dia de 1952, do naufrágio de sua canoa numa cachoeira do rio Xingu, para concluir que, depois de "um verdadeiro milagre", tem o direito de dizer que é brasileiro e que, como todo brasileiro, pode falar de índios e seringueiros.

Bispo-prelado de Altamira, no Xingu, onde vive desde 1930, dom Eurico é um dos membros do Conselho Indigenista Missionário, encarregado das missões indígenas dentro da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

Ele falou das preocupações da assembléia com relação aos índios e de seus problemas com a FUNAI — Fundação Nacional do Índio.

— A CNBB está interessada em encontrar um meio de dinamizar o Conselho Indigenista Missionário (dom Eurico apenas repetia as palavras do boletim oficial para a imprensa), pois é necessário que reconheçam que a Igreja sempre esteve na vanguarda... (dom Eurico media bem as palavras, com a preocupação de não acusar ninguém). A questão dos índios ocupou a imprensa nacional e estrangeira, quando se falou em genocídio de índios: pelo menos na minha região, nunca houve genocídios (dom Eurico defendia arduamente os que foram acusados de matar índios na Amazônia).

O bispo do Xingu explicou que houve uma série de mal-entendidos, pois muitas histórias foram deturpadas, talvez pela dificuldade que têm de entender os índios aquelas pessoas que nunca viveram junto a eles.

— Vocês ouvem falar da Amazônia como se a selva fosse um paraíso aberto, mas na realidade o índio sofre como qualquer pessoa — disse dom Eurico. Os índios passam fome e, quando pedem armas de fogo, não é para fazer a guerra, mas para defender sua sobrevivência com a caça. Foi por falta de entenderem isso, que houve muitas batalhas entre seringueiros e índios. Nós (os missionários) ficamos no meio, como árbitros.

PIONEIRISMO
Dom Eurico volta a falar do pioneirismo da Igreja, defendendo-a de acusações que ele, por enquanto, não menciona:

— O trabalho que fizemos em Altamira, por exemplo, ajudou muito a abertura da Transamazônica, uma obra em que eu não acreditava.

Desde 1930, centralizamos nossas atividades em Altamira e estão muito enganados aqueles que pensam que nós só ensinamos catecismo. Fundamos também escolas e abrimos tipografias! O único hospital da região era nosso, o Hospital São Rafael. Conquistamos a Amazônia para o Brasil, social e economicamente.

FUNAI

Dom Eurico repetiu muitas vezes, durante a entrevista, que o homem não vale apenas pelo que produz, "seja ele o índio, o seringueiro ou o colono da Transamazônica", mas "porque é um verdadeiro filho de Deus". O bispo estava fazendo uma referência ao trabalho da FUNAI, criticada um dia antes por dom Thomaz Balduino, outro membro do Conselho Indigenista Missionário:

— Nós trabalhamos com a FUNAI — disse dom Eurico — porque ela existe para isso. Mas é preciso que ela dê ao índio condições para se sentir brasileiro, cedendo-lhe direitos que têm todos os outros brasileiros. A situação está hoje muito melhor, mas a orientação da FUNAI não coincide bem com a nossa.

Dom Eurico explicou então como ele (e os missionários que trabalham na Amazônia) entende que deva ser feita a integração do índio na sociedade:

— A integração precisa ser feita por etapas, pouco a pouco, sem sensacionalismos. Eu me lembro de ter encontrado, em 1937, um grupo de 800 índios que viviam em estado natural e esses índios não existem mais, porque a integração apressada acabou com eles. Se for para esquecer os índios, depois do primeiro contato, é melhor deixá-los como estão, longe da civilização. Uma vez eu perguntei a Francisco Meirelles, um grande sertanista, se era necessário fazer tanto sensacionalismo: ele explicou que a opinião pública tinha de ser mobilizada, de alguma maneira, para ajudar o índio.

ACUSAÇÃO

Dom Eurico se queixou de uma acusação que se costuma fazer aos missionários católicos:

— Disseram que nós impomos o nosso credo. Mas saíram que a primeira questão

existem. Depois, começou a falar dos colonos das agrovilas, que o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) tem levado para as margens da Transamazônica.

— Eu vejo nas agrovilas louros anglo-saxões vindos do sul e caboclos anêmicos levados do Nordeste — observou dom Eurico. Essas pessoas desconfiam uma das outras e às vezes há dificuldades. O presidente do INCRA está prometendo levar cem mil famílias para a Transamazônica. A meu ver, a mata ainda é um desafio muito grande para a técnica e para a confraternização do homem. O importante para a Igreja é que o primeiro objetivo seja o homem: que o nordestino que não tem terra no Nordeste tenha terra na Amazônia.

ASSEMBLÉIA

A XIII Assembléia Geral dos bispos, que começou dia 6 no seminário redentorista da via Raposo Tavares, terminará às 17 horas de hoje, com uma entrevista coletiva do presidente e do secretário geral da CNBB. Até ontem, ainda não se sabia se será divulgado um documento oficial, como é tradição no final de cada reunião.

para nós é conservar os elementos positivos que os índios trazem de sua cultura, tendo o cuidado de não destruí-los com a nossa presença. Eu mesmo conheci um chefe indígena que jamais tentei batizar, embora seu filho já seja batizado. Mas o filho cristão é um índio diferente, que já usa paletó e gravata. Os índios brasileiros não costumam prezar sua antiga cultura, pois fazem questão de usar roupa como nós, quando deixam a tribo e entram na civilização.

Uma das preocupações da CNBB, segundo dom Eurico Krautler, é conseguir modificar o anteprojeto do Estatuto do Índio, que está sendo examinado pelo Congresso Nacional. Os bispos fazem, sobretudo, duas reivindicações: que seja dada maior assistência ao índio, do ponto de vista social, e que as terras dos índios sejam terras dos índios.

— Esse segundo ponto — disse dom Eurico — nós reconhecemos que é difícil porque os índios são poucos e as terras são muito extensas. Na região de São Félix do Xingu, por exemplo, dentro da minha prelazia, a área é imensa e existem apenas uns 700 índios. Mas eles precisam de uma área grande, para sua vida autônoma. As autoridades têm de levar isso em consideração, se quiserem que a colonização seja eficaz.

O assessor de imprensa, padre José Goulart, interrompeu a entrevista, com um bilhete na mão, explicando que dom Eurico tinha de ir à sala do lado, "para dar um voto por escrito".

Quando o bispo retomou a entrevista, alguns instantes depois, mudou o tom de suas palavras.

— Quem vai dar uma injeção precisa aprender noções de enfermagem — disse dom Eurico. Do mesmo modo, o pessoal da FUNAI precisaria estar preparado para tirar o índio de seu primitivismo, mas ela luta com falta de pessoal capaz. É preciso então aceitar a colaboração da Igreja, que tem uma experiência de 400 anos nesse campo.

Dom Eurico ainda lembrou um apelo do bispo de Diamantino, no Mato Grosso, que pediu à CNBB para mobilizar a opinião pública e salvar os índios que ainda